

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CERÂMICA PEDRADA E RESPECTIVO COMÉRCIO

OLINDA SARDINHA oh.olinda@gmail.com

RESUMO O presente texto desenvolve um pouco a produção dos objetos cerâmicos pedrados, foca exemplares procedentes de escavações arqueológicas os de cronologia mais antiga em território português (Mata da Machada, Barreiro) e, em território espanhol (Mérida). Aborda-se o comércio marítimo, nomeadamente com Espanha, Norte de África, Brasil. Torna-se difícil identificar o percurso deste tipo de carga nos navios que, quando do domínio espanhol, transportavam uma grande diversidade de objetos para várias regiões. Iremos centrar-nos no galeão espanhol “San Diego” e na cerâmica de Nisa e um pouco na de Estremoz. É da conjugação da análise de objetos pedrados tão diversos como a cerâmica fosca, a faiança, a porcelana, com a ajuda da etnografia, da arqueologia, da literatura e da iconografia, que podemos chegar ao reconhecimento da dinâmica que existia na navegação e no comércio marítimos portugueses dos sécs. XVI e XVII.

PALAVRAS-CHAVE Pedrado ou empedrado, Nisa, Estremoz, referências etnográficas, arqueológicas, literárias e iconográficas

O início da Idade Moderna também foi o tempo das descobertas de novos mundos, no qual os reinos ibéricos, sobretudo Portugal, tiveram um papel fundamental.

A composição decorativa do pedrado ou empedrado consiste na incrustação de pedrinhas brancas de quartzo que, depois de serem cozidas no forno e partidas, são colocadas na superfície interna ou externa do objeto cerâmico. Em Portugal apenas tenho conhecimento de espécimes incrustados com quartzo e vidro. As povoações onde mais se fabricaram peças com esta técnica foram Nisa e Estremoz. Além destes centros produtores, existiram laborações em Cacheiro e Amieira do Tejo, povoações situadas perto de Nisa e do rio Tejo. Vamos referir-nos a Estremoz e, com mais desenvolvimento a Nisa.

Em Nisa, a memória de alguns inquiridos (hoje com sessenta e setenta e poucos anos) diz-nos que usam a técnica do pedrado há muito. Têm lembrança desde o tempo de seus avós. A vila tem ainda hoje o Museu do Bordado e do Barro, sob a direção da Câmara Municipal¹.

Nisa é uma vila situada no Alto Alentejo, distrito de Portalegre, a sul do rio Tejo. O clima quente de todo o Alentejo proporcionou a produção de bilhas, maringues, talhas, em suma, vasilhas em cerâmica que eram utilizadas para transporte e provisão de água,

designados de hidrocéramos, e que, também devido à qualidade do barro (especialmente o de Estremoz), tornavam a água ainda mais apetecível, gostosa, agradável. Hoje, na loiça de Nisa, colocam-se apenas na superfície externa pequenos fragmentos de quartzo, com motivos geométricos, flores, parras, uvas e outros elementos, cuja finalidade é apenas de enfeitar, decorar, não possuindo atualmente qualquer outro tipo de função. A mais antiga referência em Portugal a esta técnica, resultante de escavações arqueológicas, de que temos conhecimento, é datável do último quartel do século XV e primeira metade do século XVI. Encontra-se presente em dois objetos: uma pequena tampa (fig. 2) e um fragmento de pé de vaso não identificado (fig. 1),



1. Fundo de vaso não identificado. 2. Tampa.

1. O município colabora na sobrevivência desta técnica decorativa, fornecendo periodicamente o transporte do cascalho ou quartzo que depois distribui gratuitamente aos três oleiros, facilitando o seu trabalho.

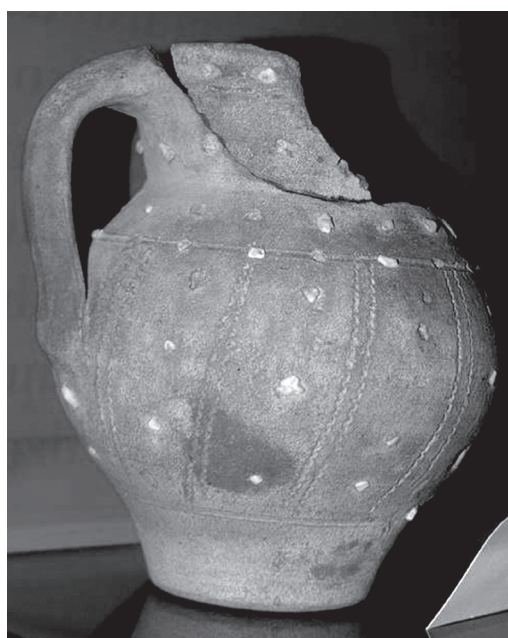
que foram retirados, conjuntamente com outro material cerâmico, de parte de um forno com atividade entre 1450 e 1530, na Mata da Machada (concelho do Barreiro, distrito de Setúbal). São provenientes de uma escavação realizada no início dos anos 80, sob a orientação científica de Cláudio Torres (Torres, 1985), do espólio da reserva arqueológica da Mata da Machada², onde também foram encontradas frigideiras, formas de depuração de açúcar, de fazer pão, caçoilas, e outro material.

Em Espanha, a peça com a mais antiga cronologia remonta à primeira metade do século XVII. Trata-se de um recipiente para água, procedente da Colegiata de Zafra (Badajoz), exposta no Museu Provincial de Badajoz (Alba, 1992, p. 89). Atualmente, esta técnica decorativa ainda se pratica, pelo menos, em Ceclavin, na Estremadura espanhola.

O que dizer quanto à difusão desta técnica? Será que foi de Portugal para a atual Espanha ou o inverso? De Espanha, e do que até agora temos conhecimento, mencionamos objetos encontrados em Valladolid, Salamanca, Zamora, Badajoz, Cádiz e Mérida.

No bairro da Mouraria, em Mérida, de escavação dirigida por Miguel Alba, de entre várias peças foi encontrado um bernagal (fig. 3) ou jarro. Miguel Alba informa: «el enchinado ha venido de Portugal, concretamente de Estremoz... sin embargo, diversas pruebas etnográficas y arqueológicas nos conducen a considerar como una pervivencia estética antañón generalizada a otros puntos del suroeste peninsular, fruto de una tradición anterior al trazado de la frontera» (Alba, 1992, p. 88).

2. Reservas museológicas visitáveis da Câmara Municipal do Barreiro, Campo Arqueológico da Mata da Machada.



3. Bernagal.

Quanto à investigação de objetos cerâmicos decorados com esta técnica, Alba informa que há muito poucos investigadores, em Espanha, que se dedicam a este estudo.

Estamos de acordo com Miguel Alba no que respeita à origem portuguesa do pedrado. Quanto à investigação em relação a Portugal temos a mesma opinião. Alguns investigadores têm incluído nos seus estudos objetos pedrados, no entanto, são escassos os que se dedicam unicamente a este estudo.

Perante o resultado das duas escavações referidas, a origem e a difusão desta técnica decorativa continua por esclarecer, apesar de poder ser considerada como «fenómeno peninsular».

Não esqueçamos que as peças da Mata da Machada são as de cronologia mais antiga. A cidade do Barreiro está situada junto ao estuário do rio Tejo, local privilegiado para as comunicações marítimas, com as ilhas atlânticas (Madeira e Açores), alguns países e cidades europeias, como Antuérpia, com Alcácer Seguer, com Cabo Verde, com o Brasil e com outras partes do mundo, então dominadas pelo comércio dos portugueses. Para documentarmos a componente etnográfica, e nunca descurando a arqueológica, já abordada, usámos um questionário que segue alguns dos elementos constantes da ficha de inventário de cerâmica elaborada há alguns anos por Eugénio Lapa Carneiro, e também pela signatária, para definir aspetos como a caracterização das pedras utilizadas (apuramento, definido como o ato de joeirar e escolher as pedrinhas segundo as suas dimensões e calibragem), a técnica de incrustação (pedras bem ou mal enterradas nas espessuras as paredes, ou seja, nas superfícies externas ou em acrescentos de pasta, isto é, relevos apostos nas paredes), a sua presença apenas vestigial (não subsistem mais do que as marcas deixadas depois de terem caído, marcas que se identificam pelo sinal/ ou «vestígios»), a quantificação dos elementos incrustados (número ou números, separados pelo sinal, que significa a separação entre as faces da peça), assim como as partes da peça (pé, bojo, colo, bordo, aba, fundo, asas, indeterminado) e os motivos decorativos (pedras isoladas, conjunto de fiadas horizontais ou/ e verticais, triângulos, circunferências, etc.) em que se inserem.

Regressamos a Nisa, centro produtor cerâmico da maior relevância, onde efetuámos dois inquéritos a António de Oliveira Cacharo Pequito (1996 e 2002), por ser o que labora há mais tempo nesta arte e também porque os outros dois oleiros (António Louro e António Carita Piedade) trabalhavam parte do dia noutra profissão. Hoje reformados, dedicam-se apenas à olaria.

No que diz respeito às diversas etapas do processo de pedrar um objeto cerâmico, para melhor compreensão

quanto à colocação dos pequenos fragmentos de quartzo na superfície externa dos desses objetos, podemos afirmar o seguinte: as pedras, geralmente do tamanho de uma mão ou um pouco maiores, são também designadas de seixo, cascalho, «pedra crua» ou quartzo (termo que é utilizado pelos «entendidos»). Em 1996, as «pedras cruas» eram colocadas por cima dos arcos do próprio forno³. Para a loiça cozer, a temperatura deveria atingir cerca de 700 °C, segundo informação do Sr. Pequito. As pedras ficam muitas vezes de umas fornadas para outras porque se forem cozidas 6, 7, 8 vezes, são mais fáceis de partir e sobretudo ficam mais «branquinhas». Retiradas as pedras do forno, partem-se melhor quando estão quentes; são partidas com um paralelepípedo das calçadas, sendo pisada numa pedra de cantaria, junto ao forno. No início, esta operação tem o nome de «pisar» e é utilizado um paralelepípedo maior. De seguida, as pedrinhas de quartzo assim obtidas são passadas por três crivos: o da pedra grossa, o da pedra de segunda, um outro, o da pedra miúda (a mais pequenina), que é chamado o da pedra de primeira e as restantes eram utilizadas para fazer os potes roçados. Estas além de serem utilizados para aproveitamento da pedra, serviam, também, para ir buscar água à fonte.

É a partir daqui que tem início o trabalho feminino. À seleção das pequenas pedras, de acordo com o seu calibre ou tamanho, é dado o nome de «joeirar» ou escolher o seu calibre.

A decoração já referida, nos nossos dias, é apenas efetuada na superfície externa dos objetos. Ao inquirir António Pequito, quanto à colocação das pedrinhas na superfície interna, com ar perplexo, retorquiu que nunca colocou pedrinhas na superfície interna porque era impossível dado o diâmetro do objeto, a menos que fosse de forma aberta.

3. Hoje os três oleiros têm forno a gás porque não têm tanto trabalho a colocar ou retirar as produções e não há tanto risco de partir ou estragar a loiça.

Com as pedrinhas são feitos desenhos variados, que incluem ou alternam com motivos incisos. Este trabalho, em Nisa e noutros pontos de Portugal, é apenas feito por mulheres, as «pedradeiras» (figs. 4, 5 e 6). Apresenta três etapas, devendo ser executado quando a peça já iniciou o processo de secagem. Não pode estar seca, nem mole, para não ficar deformada.⁴

A pedradeira começa por «riscar» a peça com o auxílio de uma agulha de coser. A esta operação é dado o nome de «riscar». Utilizando tampas de pasta de dentes ou casquilhos de lâmpadas pode desenhar círculos. Continuando apenas com a agulha, pode riscar motivos como a «rosa dos didais», as parras, os cachos de uva, os corações, o «olho-de-mocho», estrelas de cinco, seis e oito pontas, o malmequer e outros motivos geométricos ou fitomórficos. Assim, vai «riscando», delimitando os desenhos que, de seguida, são preenchidos⁵ com os pequenos fragmentos de quartzo. Joaquina da Graça Nunes, mulher de António Pequito, efetua esta operação de «riscar». As pedrinhas vão sendo colocadas no contorno dos desenhos que foram riscados. Em cada peça, por exemplo, para um asado, moringues (fig. 7) a Sra. Joaquina utiliza apenas pedras do mesmo calibre. Não mistura, na mesma peça, pedra grossa de segunda ou de primeira. A peça está geralmente pouxada no regaço da pedradeira. Excetuam-se os pratos que são colocados em cima de uma mesa. Quando

4. Vasconcelos, José Leite de – *Etnografia Portuguesa*, vol. V, 1967, p. 254, informa: *para pedrar a vasilha é necessário que esteja o barro em «meia seião», isto é, não muito fresco nem muito duro, só consistente.*

5. Ainda referindo a obra de José Leite de Vasconcelos, mesma página: «para pedrarem a loiça procedem da forma seguinte: «metem os seixos no forno, onde estalam, tiram os pedaços que ficam e partem-nos com um seixo redondo «migam-nos» sobre uma pedra lisa até se transformarem em partículas minúsculas como sal. A pedra com que pisam o cascalho chama-se «bolhão» (a outro ouvi «bólhão»). Depois é peneirada para separar o pó...«desenha-se na vasilha com um alfinete o ramo, nome, que se quer e depois com os dedos índice e pólex fixa-se a pedra, isto é, a pedrinha e com a unha do pólex segura-se como quem quer matar um piolho». Note-se que tanto esta como a informação anterior de José Leite de Vasconcelos podem ser resultado de inquéritos diretos aí realizados (ano de sua morte: 1941), ou talvez de algum correspondente, desta região.



4, 5 e 6. Pedradeiras, Nisa.



7. Moringues.

está a pedrar, coloca junto a si uma tigela com água, que tem a função de ir molhando os dedos à medida que vai aplicando as pedrinhas, de modo a estas não ficarem sujas de barro. Para pedrar, escolhe uma pedrinha que é aplicada no risco, mas tem de «enterrar» a parte mais saliente ou pontiaguda para dentro, ficando a parte mais «lisa» virada para fora. De seguida, necessita de empurrar a pedrinha com alguma pressão, para o que usa a unha do polegar ou o dedo indicador, para ficar bem enterrada. Quando o tempo aquece, quando está mais calor, os objetos necessitam de estar protegidos por um plástico, que mantém a peça «húmida», não vá dar-se o caso de a peça secar. Após a conclusão desta operação, que tem o nome de «pedrar», a pedradeira executa um segundo risco que acompanha os motivos incrustados. Assim, o asado, por exemplo, encontra-se pronto para a secagem final e posterior cozedura.

Em Estremoz, Mário Lagartinho teve pouco tempo para conversar. Disse que os bugalhões, eram acompanhados também por incisões; informou que colocavam os pequenos mamilos de barro – bugalhões – nos quais se colocavam três pedrinhas no objeto (entrevista de 1993); informou ainda que a origem desta técnica não era de Estremoz mas sim de Nisa, onde se fabricavam peças com muita decoração. Apresenta-se o fundo de um moringue, fragmentado, com a legenda: «RECORDAÇÃO DE ESTREMOZ», encimado pelo escudo da cidade; apresenta mamilos com três pedrinhas, encontrado numa obra em Oledo, perto de Idanha-a-Nova. Também na publicação de Solange Parvaux, um grupo de quatro mulheres encontra-se a decorar com pedrinhas alguns objetos, como moringues, da olaria Alfacinha (imagem talvez de meados dos anos sessenta).

Solange Parvaux («La céramique populaire du Haut – Alentejo», 1968) informa que em Cacheiro, aldeia situada a 10 km a oeste de Nisa, não se fabricavam objetos pedrados mas que, no início do século XX, fabricava-se alguma cerâmica mate para água.

Em Cacheiro, José Correia Lopes (1993) produzia objetos de cerâmica fosca e outros, incrustados com pequenos fragmentos de quartzo, todos do mesmo calibre. Informou que esta técnica tinha sido inicialmente utilizada em Cacheiro, tendo posteriormente transitado para Nisa⁶.

Em 2002, fruto de uma informação de António Pequeto, deslocámo-nos a Amieira do Tejo onde conversámos um pouco com Francisco Semedo, de 88 anos, que já não exercia a sua atividade há alguns anos e que tinha pedrado alguns objetos. Referiu que produziu pequenas talhas para azeite e que também tinha pedrado algumas peças como bilhas e cântaros, técnica que já não utilizava.

Solange Parvaux realizou inquéritos nesta região do país durante os meses de Agosto dos anos de 1959, 1960 e 1961, e menciona, na referida publicação (p. 21), o mesmo oleiro por nós inquirido (Francisco Semedo), mas referindo que não o pôde visitar.

Os centros de produção, no panorama português, no passado recente e na atualidade, cingem-se apenas a Nisa e Estremoz, sendo indubitavelmente mais relevantes em Nisa, onde laboram três oleiros.⁷

Aplicando uma perspetiva etno-arqueológica e recuando mais uma vez no tempo, pode concluir-se que muitos dos materiais provenientes de escavações sem contextos arqueológicos poderão ser datáveis do séculos XVII e XVIII. Referimo-nos a escavações arqueológicas em que muitos materiais não apresentam contexto preciso, por serem provenientes sobretudo de entulhos de obras; os objetos pedrados ou empedrados são encontrados com outros materiais, como tachos, painéis, tampas. Segundo as cronologias de alguns responsáveis de escavações, os artefactos cerâmicos são sobretudo datados dos séculos XVII e/ou XVIII. Muitos destes objetos já se encontram a ser estudados, mas, dado o facto de ainda não existir uma visão de conjunto (por serem objetos provenientes de entulhos), persiste a dificuldade na sua datação precisa, podendo mesmo abarcar vários séculos.

Como exemplo podemos referir os espécimes do acervo do atual Museu Nacional de Arqueologia, provenientes de uma escavação sem contextos precisos, realizada em finais do século XIX, no convento de Sta'Ana (Lisboa), na cerca do referido convento. Foi a partir do

6. Hoje já não trabalha e encontra-se num lar em Nisa.

7. Refira-se que este centro de produção oleiro se encontra ativo, sobretudo devido ao apoio que a Câmara Municipal de Nisa tem dado a esta atividade. Até à data não foram realizadas escavações arqueológicas no centro histórico. Aconselha-se uma visita ao Museu do Bordado e do Barro, entidades a quem agradecemos todo o apoio, nomeadamente à sua diretora Dra. Carla Sequeira, pelas imagens e informações disponibilizadas.

O Sr. Manuel Sales também trabalhou em Nisa, quando a Sra. D. Margarida Ribeiro aí fez inquéritos no terreno.

estudo de quatro exemplares pedrados (Sardinha, 1990-1992, série IV, volume 8/10 «O Arqueólogo Português») e das cerâmicas vermelhas finas do convento de Sta'Ana, estudo publicado em 2007 (Carlos Etchevarne, Olinda Sardinha, «Cerâmicas vermelhas finas do século XVII do convento de Sta'Anna»), que foi possível balizar uma cronologia o mais precisa possível. Os espécimes já estudados – taças – apontam para uma cronologia do século XVII.

Têm dado ao prelo alguns artigos que, após o estudo de materiais provenientes de escavações, contribuem para o avanço do estudo desta cerâmica seiscentista. Destacamos o trabalho de Ana Castro e Luís Sebastian subordinado ao título «Cerâmicas vermelhas finas não vidradas do mosteiro de S. João de Tarouca», de que divulgamos apenas uma jarra pedrada (fig. 8). Trata-se de uma jarra com duas asas, da primeira metade de seiscentos. As suas superfícies são engobadas, de cor vermelha, sendo que a decoração no exterior é constituída por incisões, incrustações na espessura das paredes, com quartzo leitoso e rosa, com cerca de 4 a 5 mm, em forma de botão ou mamilo, por sua vez decorado segundo a técnica do «areado» «pela incrustação difusa de pequenos fragmentos de quartzo com cerca de 0,8 a 1 mm».

Em 1600 o galeão espanhol San Diego, numa investida com a nau holandesa Mauritius, naufragou nos mares das Filipinas. Realizaram-se escavações subaquáticas que fizeram renascer cerca de 6000 objetos, desde porcelanas, peças em ouro, potes martabã, cerâmica filipina.

Um estudo efetuado em 1996, de algumas taças e uma lamparina, provenientes deste galeão espanhol, alargou o tipo de matéria incrustada nos objetos, aspeto

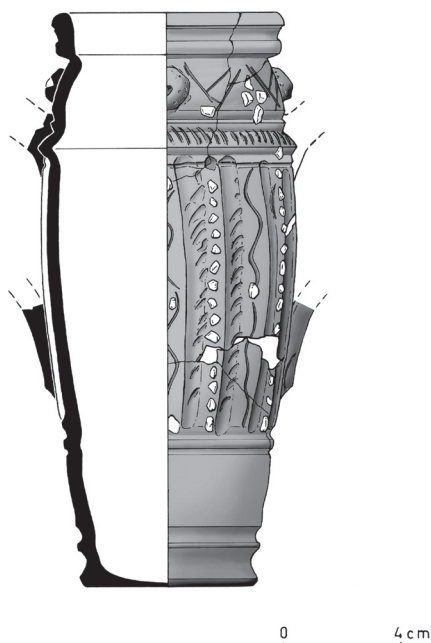
até então pouco conhecido por nós. Trata-se da incrustação com fragmentos de porcelana azul e branca no total de quinze objetos que, juntamente com outros, figuraram também numa exposição em Madrid. A quase totalidade apresentava pequenas incrustações de porcelana na superfície externa, com exceção da lamparina, também incrustada na sua superfície interna. O facto de as peças terem estado quatrocentos anos debaixo de água fez com que tivessem aparecido concreções, o que dificultou a identificação dos fragmentos de porcelana. Tenho conhecimento de terem sido encontradas, num bairro em Manila, peças semelhantes, com incrustações em quartzo. Não nos foram fornecidos quaisquer dados sobre esta escavação em que participou uma arqueóloga filipina que fazia parte da equipa franco – filipina e que colaborou – se não estou em erro – nos trabalhos e escavações subaquáticas do galeão. Sabe-se que a tripulação pode ter sido constituída por mercadores e tripulantes portugueses, espanhóis e talvez de outras nacionalidades. Sendo assim, quem teria encomendado estas taças e a lamparina? Os objetos foram publicados na «Arqueologia Medieval», volume 6, 1989, p. 183-192. Estas taças e a lamparina modeladas por construção, incrustadas com pequenos fragmentos de porcelana azul e branca, podem ter sido mandadas fazer por encomenda de um mercador que seguia na embarcação e feitas por um oleiro local.

A praça de Alcácer Seguer, situada no Norte de África (entre Ceuta e Tânger) foi conquistada aos muçulmanos no reinado de D. Afonso V, em 1439, tendo o domínio português terminado em 1533.

No século passado, o arqueólogo norte-americano Charles Redman publicou um estudo acerca das comunidades portuguesas e muçulmanas e respetivas escavações, deste período. Referiremos apenas a cerâmica portuguesa. Temos conhecimento de que existem objetos de cerâmica vermelha com incisões e incrustações, figurando incisões sob a forma de peixe, flor, pedrinhas e vidro colorido. O fragmento não identificado, que figura na sua publicação de 1986, apresenta incisões circulares, «provavelmente» de quartzo do mesmo calibre. Estes objetos pedrados, segundo opinião de Redman, podem ter sido trazidos de Portugal por um português, ou terem sido produzidos num centro secundário.

Assim, esta técnica decorativa em cerâmica já era conhecida, digamos com alguma certeza, pelos portugueses que viviam em Alcácer Seguer ou que por aí passavam.

Falemos agora da Catalunha. As últimas investigações arqueológicas em Barcelona têm-nos dado informações preciosas sobre o comércio com Portugal



8. Jarra pedrada de S. João de Tarouca.

nos séculos XVI e XVII. Nas escavações realizadas estão bem documentadas as cerâmicas portuguesas, nomeadamente os *pucarinhos*, uma produção típica portuguesa dos séculos XVI-XVII, cujo principal centro foi Estremoz, embora também se registasse em Nisa, Aveiro, Caldas da Rainha e Pombal e houvesse imitações fora de Portugal. Estas peças são muito barrocas, profusamente decoradas e com pequenas incrustações de fragmentos de quartzo.

Para o século XVII, e referimo-nos ao mercado de Barcelona, foram ainda encontrados fragmentos de peças de majólica, faiança, porcelana, vidro, provenientes de variados sítios, desde o sul de França, Espanha, Países Baixos, Boémia.

Os *pucarinhos* portugueses encontrados são datados da primeira metade do século XVII («The ceramic trade in Barcelona in the 16-17th centuries», Julia de Heredia e Nuria Miró alaix, *Muhba textures n.º 2*, Museu D'Historia de Barcelona).

Tomemos agora o rumo do Atlântico Sul e façamos uma paragem no Brasil, mais concretamente na cidade de Baía, sua primeira capital.

No sítio da igreja da Sé de S. Salvador da Baía foram realizadas escavações arqueológicas: «Estes fragmentos estão associados a material do século XVII, especificamente a faianças. São poucos os fragmentos que aparecem, provavelmente porque se tratava de um material frágil (paredes finas) e de difícil transporte». As informações e imagens foram gentilmente cedidas pelo Prof. Dr. Carlos Etchvarne e passamos a apresentá-las:

- Figura 9, tigela, esbotenada. A tigela é esbotenada no bordo, com três pétalas incisadas cujas nervuras são fiadas de pedrinhas de quartzo; o fragmento não identificado apresenta incisões lineares e «areado».
- Figura 10, fragmento não identificado, com relevos acrescentados.
- Figura 11: dois púcaros, fragmentados; relevos acrescentados, um deles com «areado»; o fragmento não identificado apresenta relevos acrescentados e «areado».
- Figura 12: fragmento não identificado; sequência de pétalas, tendo ao centro uma pedrinha.

As referências iconográficas a cerâmicas pedradas limitavam-se, até há poucos anos, a alguns quadros de Josefa de Óbidos. No entanto, numa exposição realizada no centro Cultural Raiano, em Idanha-a-Nova, em que figuravam pinturas e esculturas de mestres pintores dessa região, Joaquim Caetano, então diretor do Museu de Évora e comissário dessa exposição subordinada ao título «As formas da Fé – 800 anos de Património Artístico nas Terras da Idanha», apresenta uma «Anunciação», da autoria do mestre do Rosmaninhal, com datação anterior a 1537. Podemos observar numa cena de interior a Senhora ajoelhada, ricamente vestida, com manto vermelho, tendo à sua direita o Anjo. Observa-se uma talha com tampa, com a técnica decorativa do pedrado, uma jarra com duas asas com pegas em S e remates vegetais e um púcaro com duas asas.

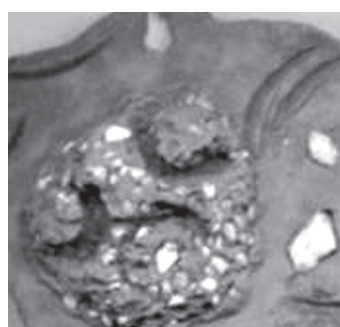
Assim, graças aos testemunhos de Josefa de Óbidos, recuamos mais de um século, ao primeiro quartel do século XVI, sendo evidente que nessa altura já figuravam em quadros objetos cerâmicos pedrados com quartzo. Até hoje, é a pintura mais antiga conhecida em Portugal em que figuram peças pedradas, e é muito curiosa pelo vestuário do anjo, da Virgem e a ocupação do espaço.



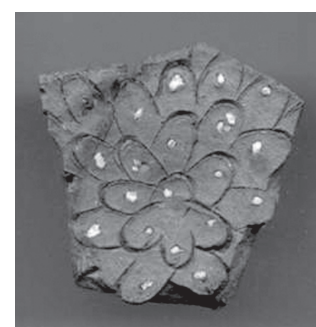
11. Púcaros e fragmento não identificado.



9. Tigela esbotenada.



10. Fragmento não identificado, com relevos acrescentados.



12. Fragmento não identificado.

Também alguns trechos literários nos fornecem dados importantes para o estudo das cerâmicas pedradas em Portugal (ver anexos).

Em síntese, podemos afirmar que a técnica decorativa do pedrado tem origem portuguesa. O Dr. Miguel Alba, diretor do Consorcio Monumental de Mérida, já o afirmou há vários anos e estamos de acordo. Será a partir de Portugal que os objetos cerâmicos terão sido comercializados para outros territórios do mundo, onde, ocasionalmente, se terá reproduzido esta técnica decorativa.

Na viagem que efetuámos, assim como as que faremos, mostrou-se e continuará a mostrar-se que os objetos provenientes de escavações desenhavam um mapa mais alargado da difusão do pedrado, dentro e fora da Península Ibérica.

Vamos, assim, aprofundando o conhecimento deste tipo de decoração com a ajuda da arqueologia, da etnografia, de alguma literatura e iconografia.

REFERÊNCIAS LITERÁRIAS A CERÂMICAS PEDRADAS

Descrição do reino de Portugal de Duarte Nunes de Real, 2.ª edição (1783), Lisboa

«Alem destes vieiros de pedras que ha de diferentes generos, há outros de barro fino, e de excellente cheiro de que se fazem pucaros e outros vasos maiores para beber e ter agoa de m...«Alem destes vieiros de pedras que há de diferentes generos, há outros de barro fino, e de e muitas feições, e de gentil talho, de que dam o primeiro lugar aos de Lisboa, por o bom cheiro que de si dam a quem por eles. Outros sam após estes os de Monte mor o novo, que em cheiro lhes nam dam lugar, porque sam pucaros que nunca sam velhos como os de outras partes: e a razão e que são feitos de barro mui cheiroso, e amassados com muitas o cheiro que pedrinhas, que parece que sam tantas as pedrinhas, como o barro: dos quaes quando querem usar, os roçãõ primeiro com huma pedra, e fica novo barro: e assim cada vez os querem fazer novos, que tenham o cheiro que tinham quando novos, os tornam a roçar, e começam apparecer otras pedrinhas. Outros pucaros ha do Sardoal de barro grosseiro e semeado de algumas pedras mais grossas que as de Monte moor que para o verem sam muito frescos: porque reçuma por eles a agoa por serem mui porosos e assi a esfriam mui em breve.

Há outros da villa de Pombal quasi da mesma feiçam que tambem são muito estimados. Os pucaros de Estremoz nam se deixaram por de menos bondade. Antes sam de grande estima porque sam de um barro tam fino e tam coado e tam liso como se fosse de vidro e de excelente cheiro e sabor quando são novos, e em que se fazem muitas louçainhas por a fineza do barro o consinte: dentro dos quais se formão raãs e cobras e outras animais aquáticos,

e vam semeados de pedrinhas tam muidas que parecem área que com humas pedras brancas mais grossas que lhes põe em que se quebra a agoa, são mui apraziveis: porque cada púcaro fica parecendo huma fonte. Pelo que se podem gabar os Portuguezes que bebem as melhores agoas e pelos mais apropriados vasos de matéria e de obra, porque se não dignaria beber um ladrador dos nossos: e são estes vasos taes, que os naturaes da India e de outras partes os mandão pedir a Portugal, e lhos mandam por mercadoria. E não he de espantar fazerem os Portugueses tanto caso de simples baixela de simples barro para eberem, porque (como deles escreve Strabão) sam naturalmente bebedores de agoa, e por isso buscão vasos da terra para que sempre lhes pareça que bebem da mesma fonte.» (p. 109).

Cartas de Vicente Nogueira, 1650

«Mas se antes V.S. me fizesse m, de mandarme outras seis dúzias de boas laranjas, também todas e fretes a minha conta, lhe pediria q no fundo da caixa se me metessem 4 pucaros chaons (1) simples, sem enfeites destremos que nenhu passe do meyo quartilho, mas algum de meyo, e os mais menores e de vários tamanhos, e quatro da mayA, DO MESMO Tamanho e quatro de Montemor, duns q são amassados com pedrinhas e mereja, a agua. mas estes de monntemor, seja um quartilho outro de meyo e os doys mis pequeninos e sobtr estes, feito hum sobrado com as laranjas. Porq nestes tantos púcaros que V.E. mandou não há nenhum que não passe de hum quartilho e são todos de hum tamanho, e eu qu não bebo vez q. não passe de meyo quartilho e são, n.ao achei au me servisse: e foi necessário fazer hum buraco, em cada hu, para não levar mais, e pa-recefeõ à vis».

«nos púcaros tive grande gosto, mas seria mayor, se delles me viera hua caixinha do tamanho das laranjas, e soo hũa dúzia dos da maya, e hua de Estremoz e Montemor, e ~q fossem de varios tamanhos, de quartilho meyo quartilho e pequeninos, mas todos são quasi dum tamanho...» (p. 222).

Ambas as cartas foram escritas em 1650. A última é de 5 de Março.

Cartas de D. Vicente Nogueira, publicadas e anotadas pelo diretor da biblioteca pública de Évora, A. J. Lopes da Silva, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1929.

Carta n.º XXVII de Filipe I a Suas Filhas, 25 de Outubro de 1582

«Enviei o Calabrês a Estremoz para fazer púcaros como aqueles em que ali tinha as flores e leva umas caixas que estavam cá para que nelas tragam peras-bergamotas, como há um ano, para que as envie dali e ele regresse. Para que não sigam vazias, numa envio porcelanas para vosso serviço e de vossos irmãos e uma pequena arca com outras porcelanas dentro dela, de um tipo novo,

pelo menos nunca a tinha visto ate agora.» (p. 172-173).

Carta n.º XXVIII de Filipe I a suas Duas Filhas Infantas, 8 de Novembro de 1582

«O Calabrês já voltou de Estremoz, mas deixou os púcaros lá a fazer e as arcas para as peras já deverão ter chegado quando esta chegar» (p. 174).

Cartas para duas infantas meninas. Portugal na Correspondência de D. Filipe I para as suas filhas (1581-1583). Organização, Int. e Notas de Fernando Bouza Álvarez. Apres. de António Hespanha, Anais da biblioteca de História. Publicações D. Quixote, Comissão Nacional dos Descobrimentos. 1998.

Carta de Guia de Casados – D. Francisco Manuel de Melo A propósito das visitas que se faziam entre as damas, D. Francisco Manuel de Melo

«Uma coisa que antigamente entre as amigas se chamava púcaro de água, passou a ser merenda e de merenda a banquete; e de banquete tem já subido a tanto, que se lhe não acha nome, ou pelo menos não lho quero eu dar.» (p. 51).

D. Francisco Manuel de Melo terminou esta obra em 1650. Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia de Casados*. Ed. Europa – América, Grandes Obras, 1992.

AGRADECIMENTOS

Sr. António Cacharo Pequito e Joaquina da Graça Nunes, oleiro, agricultor e pedradeira,
 Dra. Carla Semedo, responsável pelo Museu do Bordado e do Barro, Câmara Municipal de Nisa,
 Doutor Carlos Etchevarne, Universidade Federal da Baía
 Comissão Executiva do Congresso,
 Sr. Francisco Semedo, oleiro, Amieira do Tejo,
 Dr. Jean-Ives Blot, arqueólogo naval,
 Sr. José Lopes, Oleiro, Cacheiro,
 Doutor Miguel Alba, Diretor do Consorcio de Mérida,
 Dr. Paulo Longo, Centro Cultural Raiano, Idanha-a-Nova
 Doutora Susana Gómez, UCEA-CAM,
 Sr. Walter Vinagre, fotógrafo. Créditos fotográficos: A «Anúnciação».

BIBLIOGRAFIA

ALBA, M. (1991) – *La alfarería tradicional alto extremeña – aspectos socioeconómicos. Trayectoria y problemática*. Cáceres: Cámara Oficial de Comercio e Industria de Cáceres.

ALBA, M. (1992) – Pervivencia de un rasgo de cultura material en la frontera luso-extremeña: el enchinado. *Revista de Extremadura*, Enero-Abril, n.º 7, Cáceres, p. 87-94.

ALBA, M. (s. d.) – Las producciones alfareras alentejano-extremeñas durante el antiguo régimen. *Mérida, ciudad e patrimonio*, n.º 1, separata, Mérida: Consorcio Ciudad Monumental, Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida.

CABRAL, C.B. (1991) – *Os contextos da Antropologia*. Lisboa: Difel.

CABRAL, C.B. (2003) – *A Coleção de barros pedrados do Museu Nacional de Arqueologia. Ensaio de contextualização no âmbito da olaria de Nisa*, IV, (21), p. 301-340.

CABRAL, C. B. (2011) – *Collaborative internet-mediated ICH inventories in Internatinal Journal of Intangilde Heritage*. Seoul, The National Folk Museum of Korea, vol.8, p. 36-43.

CARNEIRO, E. L. (1989) – *Empedrado, Técnica de decoração cerâmica*. Barcelos: Museu de Olaria.

CHAVES, L. (s.d.) – *Arte Popular em Portugal – Cerâmica*. Direção de F. Castro Pires de Lima. Lisboa: Editorial Verbo.

CORREIA, V. (1937) – *Etnografia Artística Portuguesa*. Barcelos.

ETCHVARNE, C. e SARDINHA, O. (2007) – Cerâmicas vermelhas finas do século XVII do convento de Sant'Anna (Lisboa), no acervo do Museu Nacional de Arqueologia, *O Arqueólogo Português*, Série IV, 25, p. 345-372.

LEPIERRE, C. (1912) – *Estudo químico e tecnológico sobre a cerâmica portuguesa moderna*. Lisboa: Boletim do Trabalho Industrial (2.ª edição, anotada).

ORTIGÃO, R. (1943) – *Arte Portuguesa – Tomo I – O culto da arte em Portugal*. 2.ª edição. Lisboa: Livraria Clássica Editora.

PARVAUX, S. (1968) – *La Céramique Populaire du Haut-Alentejo*. Paris: Presses Universitaires de France / Fondation Calouste Gulbenkian.

PEIXOTO, R. (1995) – Indústrias Populares. As Olarias de Prado. *Etnografia Portuguesa* (Obra Etnográfica Completa), Lisboa: Publicações D. Quixote, p. 89-132.

PIZARRO, M. I. S. e VALENTÍN, M. I. O. (1985) – Artesanía Popular en Proceso de Transformación: la alfarería de Ceclavín (Cáceres). *Norba* 6, Espanha: Universidad de Extremadura.

RIBEIRO, E. (s.d.) – *Água Fresca (Apontamentos sobre olaria nacional)*, Porto: Tipografia Sequeira Limitada.

RIBEIRO, M. (1961) – Cerâmica popular de Nisa. *Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares*, Tomo XVII, Cuaderno 4.º. Madrid: C. Bermejo, Impresor.

SARDINHA, O. (1990-1992) – Olarias pedradas portuguesas: contribuição para o seu estudo. 1. Os objectos procedentes do Convento de Santa Ana e do Hospital Real de Todos-os-Santos. *O Arqueólogo Português*, Série IV, Volume 8/10, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 487-512.

SARDINHA, O. (1999) – Notícia sobre as peças pedradas do galeão "San Diego" (1600). *Arqueologia Medieval*, Campo Arqueológico de Mértola: Edições Afrontamento, p. 183-192.

VASCONCELOS, C. M. (1957) – *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal*. Lisboa: Revista Ocidente.

VASCONCELOS, J. L. (1923) – *Boletim de Etnografia*. n.º2. Lisboa: Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, J. L. (1982) – Vida Tradicional Portuguesa. *Etnografia Portuguesa*, Vol. I, Livro III. Lisboa: Imprensa Nacional.